



## **Filhos do Crack: a realidade de crianças alagoanas que convivem com a droga**<sup>1</sup>

Igor Raphael Gouveia QUEIROZ<sup>2</sup>

Andréa Moreira Gonçalves de ALBUQUERQUE<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Este *paper* tem como intuito discorrer acerca da motivação, dos meios e métodos com os quais produzimos a reportagem sobre a vida de crianças e o convívio com o crack, de título “*Filhos do Crack: a realidade de crianças alagoanas que convivem com a droga*”. A matéria conta o drama de pessoas que enfrentam e convivem diariamente com o vício das drogas, traz a visão de pesquisadores e especialistas sobre o assunto e aborda a relação existente entre a formação social de uma criança com o modo de vida contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVE:** drogas; convívio; sintoma social.

### **1 INTRODUÇÃO**

As drogas sempre foram consideradas um problema dos mais graves da sociedade brasileira. Não apenas um problema de saúde pública, como também uma ferramenta de poder nas mãos de traficantes. O Brasil tem sofrido há décadas com o problema do tráfico, especialmente em suas maiores cidades. E, nas últimas décadas, o processo de interiorização do tráfico se demonstrou rápido e eficaz. O acesso aos entorpecentes foi se facilitando cada vez mais, os preços das drogas foram caindo e, conseqüentemente, o número de usuários aumentou. O tráfico impulsiona o aumento da violência e da criminalidade, conforme atestam relatórios da ONU e estatísticas dos órgãos governamentais de saúde pública de todo o país. Atualmente, é fato conhecido que há, em alguns setores da sociedade, uma banalização do uso da droga (TURRER e MAIA JUNIOR, 2010). É cada vez mais comum encontrar pessoas de pensamento “liberal” que não veem como sendo um problema o uso “ocasional” ou “social” de certos tipos de drogas (SARDENBERG, 2010). Isso talvez explique o aumento no uso de certos tipos de entorpecentes. Estatísticas têm mostrado a disseminação considerável e rápida do uso de drogas sintéticas e o crack no país (ALVAREZ, 2010).

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Digital

<sup>2</sup> Autor do trabalho, estudante de Jornalismo, email: igorraphaelg@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do projeto. Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas

As sintéticas consumidas inicialmente e frequentemente em festas rave por jovens pertencentes, em sua maioria, às classes média e alta, se disseminaram também em ambientes diversos, como festas de boates e shows (CHIAVERINI, 2010). Isso graças àqueles que acreditam no mito de que drogas sintéticas não matam e não viciam. Já o crack, droga derivada da cocaína, de preço inferior e efeitos devastadores no organismo dos usuários, têm se disseminado dentre todos os níveis sociais. Segundo dados do Relatório Mundial sobre Drogas 2009, divulgado pela ONU, o número de consumidores de ecstasy (uma das drogas sintéticas mais usadas) entre jovens estudantes do ensino médio seriam de 3,4% dessa população, um número considerado alarmante.

Mas não é apenas dentre jovens infratores que há o consumo contínuo de drogas. Um estudo feito em 2010 pela Secretaria Nacional Antidrogas (Senad) com 18 mil alunos de 100 instituições de ensino superior privadas e públicas de 26 capitais do Brasil mostra que um em cada quatro usou drogas em até um mês antes do levantamento. A pesquisa comprovou também que o público universitário usa mais drogas lícitas e ilícitas do que a população em geral. Nos últimos 30 dias antes da pesquisa, 60% deles afirmaram ter consumido álcool e 25,9% algum tipo de droga ilícita. O trabalho ainda revela que 26,1% dos universitários já usaram maconha, 13,8% usaram anfetamínicos e 7,7% cocaína.

Essas e outras pesquisas demonstram que, cada vez mais pessoas aderem ao uso de drogas ilícitas e, por vezes, ainda na adolescência. Em muitos casos, usuários levam um cotidiano aparentemente normal sob o efeito dos entorpecentes. Nesses casos, é comum que suas famílias, e que parte de seus amigos e colegas de trabalho desconheçam o fato.

Como as tantas reportagens já produzidas sobre o tema, nosso objetivo é levar mais informações ao leitor acerca da questão (tão delicada e relevante para a saúde pública e para a vida das pessoas) do convívio de crianças alagoanas com o crack. E também colocar questionamentos e abrir discussões sobre esse sintoma da cultura e da sociedade contemporâneas em pauta.

## **2 OBJETIVO**

### **2.1 Geral**

Este projeto tem como objetivo principal elaborar uma reportagem para retratar o cotidiano de personagens que se envolveram ou estão envolvidas com drogas ilícitas e levaram durante anos, ou ainda levam suas vidas normalmente. Com foco, principalmente, nas crianças e adolescentes.

## 2.2 Específicos

- Investigar sobre o consumo do crack e suas causas, enfatizando os aspectos sociais e culturais que influem sobre o vício, discutindo a ideia do consumo como um sintoma social das pressões e angústias do existir contemporâneo.
- Conhecer e relatar o drama das crianças que já nascem sob a perspectiva da droga.
- Expor políticas públicas desenvolvidas na área, tratamentos e o parecer de especialistas sobre a questão.

## 3 JUSTIFICATIVA

A existência de usuários de drogas ilícitas que não aparentam consumir entorpecentes por manter a rotina de vida aparentemente normal é, aos olhos da sociedade, um conflito ético. Sob o ponto de vista da saúde pública, é um problema (ROCHA, 1993). E sob o ponto de vista jurídico, é ilegal (MARONNA, 2006). Sendo assim, é papel do jornalismo trazer à tona questões como essa. Escolheu-se tratar dessa temática em uma reportagem na forma de perfis porque esse formato permite narrar histórias e acontecimentos de maneira completa, profunda e interessante, revelando cenários e personagens com riqueza de detalhes.

O que justifica este trabalho é a importância de se publicar uma reportagem sobre uma questão que tem incapacitado inúmeras pessoas, explicando-a e contextualizando-a, numa linguagem que trate pontos relativos à psique e do mundo contemporâneo de forma compreensível.

O esclarecimento acerca do vício em drogas, que acometem tanta gente, é uma questão de saúde pública. A investigação sobre a doença, sobre como se dá o tratamento de pacientes que sofrem e sobre o que tem sido feito e desenvolvido na área, em Maceió e no estado, é relevante e de grande utilidade pública. Por isso, resolvemos escrever uma reportagem grande, bem apurada, com boas histórias, que fosse esclarecedora, que levantasse questões importantes e levasse à reflexão.

## 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Inicialmente, para a criação da pauta, procuramos pesquisar e estudar bastante sobre o tema, lendo e assistindo vídeos pela *internet*. As pesquisas nos trouxeram conhecimento para elaborar a pauta, escolher o viés que daríamos à reportagem e também nos proporcionaram um maior entendimento do assunto para melhor abordar os entrevistados. Depois de elaborada a pauta, partimos para a apuração. A ordem dos entrevistados não aconteceu estrategicamente e, sim, pela disponibilidade de cada um. Durante as entrevistas, fazíamos anotações dos pontos principais, gravávamos todo o áudio da conversa e tirávamos as fotografias do entrevistado.

Conversamos com especialistas e estes nos relataram opiniões e informações técnicas que referenciaram e embasaram a reportagem. Conhecemos também o drama de quem sente na pele e na alma os males da do vício. As histórias são fortes e nos fazem perceber melhor o universo de quem precisa conviver diariamente com esses problemas. Quisemos fazer uma reportagem que, embora contenha a visão de especialistas no assunto, fosse essencialmente humana.

Com todo material apurado, começamos a organizar as ideias e a escrever. Por último, fizemos as fotos ilustrativas, pois estas dependiam do texto, precisavam relacionar-se com ele. A última etapa foi a diagramação, realizada no programa *Adobe InDesign CS6*.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

### 5.1 Grande Reportagem

Edson Flosi (2012), em *Por trás da notícia*, diz que o repórter escreve, basicamente, três tipos de matérias: a *reportagem comum*, que faz parte do dia a dia da sua vida profissional e, raramente, ultrapassa quatro laudas de texto; o *furo de reportagem*, caracterizado pela exclusividade da notícia, não importando seu tamanho; e a *grande reportagem*, que é sempre longa e exige um texto cuidadosamente trabalhado. **Filhos do Crack: a realidade de crianças alagoanas que convivem com a droga** é uma grande reportagem por ser longa, possuir um texto bem elaborado, conter várias fontes, ter uma diagramação bem planejada e muitas fotos ilustrando-a. Flosi fala sobre a importância dessas características que tornam o texto longo da grande reportagem menos cansativo:

A grande reportagem só pode ser escrita por um repórter que tenha bom texto, no mínimo acima da média, pois, necessariamente extensa, não será lida se a narrativa for fraca, monótona, cansativa ou desinteressante. Sempre ilustrada com fotografias, desenhos ou gráficos, a grande reportagem exige diagramação competente e deve conter atrativos como mistério, suspense, calor humano e outros elementos que só um texto criativo será capaz de explorar. (FLOSI, 2012, p. 11).

Escrever é como tecer o papel de palavras e ideias. Alex Galeno (2002, p. 104) afirma que o texto literário e jornalístico deve ser pacientemente confeccionado e indica a necessidade de se estabelecer novos padrões éticos cognitivos que resistam às “tirantias da comunicação” e à fragmentação do pensamento.

A grande reportagem, diferente da reportagem comum, é mais aprofundada, rica em informações e detalhes; por isso, interessou-nos fazer uma grande reportagem sobre o consumo de drogas visto pela perspectiva da criança: por acharmos que o tema precisa ser profundamente discutido, ressaltando-se novos ou ignorados aspectos e, especialmente, tratando o assunto de forma humana e evidenciando os valores subjetivos.

Para produzir uma boa reportagem, utilizamos bastante tempo, apurando com calma e, como sugeriu Galeno, confeccionando pacientemente o texto. Isso porque a reportagem não tem a mesma efemeridade da notícia e pode ter um tempo de produção mais prolongado. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari afirmam que

“Embora a reportagem não prescindia de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que seu teor seja predominantemente informativo” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 18)

## 5.2 Entrevista

A entrevista é fundamental para a reportagem. É por meio dela que apuramos os fatos e histórias para compor a matéria. Carla Muhlhaus, na introdução do livro *Por trás da notícia*, fala sobre a importância da entrevista para o jornalismo:

Não há jornalismo sem entrevista. A afirmação pode parecer radical numa primeira leitura e até mesmo na segunda, mas o fato é que na raiz da reportagem está, inegavelmente, a milenar arte de fazer perguntas. Por mais simples que seja uma matéria, é muito raro um repórter valer-se somente do setor de pesquisas do seu jornal, das agências de notícias ou de outras fontes indiretas de informação para a realização de seu trabalho, prescindindo da entrevista. Sempre chegará o momento em que será preciso que ele trave contato pessoal com um informante e lhe dirija algumas perguntas. Terá sido feita uma entrevista, mesmo que singela. (MUHLHAUS, 2007, p. 15).

Martin-Lagardette (2000, p.111 apud ROUCHOU, 2003, p.10) classifica alguns tipos de entrevista:

- Informativa: que pode ser integrada dentro de uma reportagem. Trata-se de reconstruir um fato ao qual não se assistiu. Após ouvir as falas de quem assistiu, o jornalista verificará com outras fontes. (...)

- De fundo (opinião): buscam-se respostas de uma pessoa que, por experiência, sua função, tem um ponto de vista particularmente esclarecedor sobre uma situação. (...)

- Perfil: Descreve-se a vida e os hábitos da pessoa entrevistada.

- Expressa: três ou quatro perguntas apenas, com respostas muito breves. O que interessa é que as respostas tragam valor agregado: revelações, opiniões inesperadas ou corajosas, novidades.

Já Morin (1973) também classifica as entrevistas em quatro tipos: a entrevista-rito, a anedótica, a entrevista-diálogo e a neoconfissão. Para a composição da reportagem, fizemos entrevistas de fundo (classificação de Lagardette), que foram as entrevistas com profissionais da área, estes com experiência e entendimento no assunto foram bastante esclarecedores à matéria. Com os personagens principais da reportagem, que são aqueles que sofrem do vício, as entrevistas foram do tipo entrevista-diálogo (classificação de Morin) com algumas características da entrevista neoconfissão. A entrevista-diálogo é aquela que flui como um diálogo, naturalmente. Já, na neoconfissão, segundo Morin, o entrevistador se apaga diante do entrevistado que não continua na superfície de si mesmo, mas efetua um mergulho interior. Assim, foram as entrevistas com os personagens que convivem com o crack, como um diálogo natural e um mergulho no interior do entrevistado. E concordamos com Rouchou, quando diz que

Entrevistar testemunhas dos fatos, privar de sua intimidade, frequentar sua casa, passear por seus álbuns de fotografias, tomar, talvez, um cafezinho, ou ainda emprestar um lenço para secar algumas lágrimas é absolutamente fascinante. Apesar da necessidade de um olhar crítico sobre os depoimentos, é inegável também o envolvimento com esses indivíduos. (ROUCHOU, 2003, p. 1)

Deixamos os entrevistados à vontade para que contassem sua história e, ao longo do diálogo, emergiram curiosidades e questionamentos e, a partir deles, conseguíamos extrair mais informações interessantes para narrar no texto. As conversas foram longas. Algumas duraram quase duas horas. E os entrevistados pareciam estar à vontade, como se desabafassem com um psicológico.



### 5.3 Projeto Gráfico

A reportagem foi diagramada no programa Adobe InDesign CS6, no formato de uma revista em A4. A maior parte do texto foi diagramada em três colunas e a fonte utilizada no texto corrido foi a *Minion Pro*, tamanho 10. Como a reportagem é muito extensa, resolvemos utilizar muitas imagens para quebrar o texto e torná-lo menos cansativo. Usamos, então, fotos, um gráfico, uma ilustração e o artifício do “olho” que, além de ressaltar trechos interessantes, proporciona uma quebra no texto. Além disso, por se tratar de uma produção digital, disponibilizamo-la na plataforma Issu, facilitando a visualização do leitor.



Páginas diagramadas com fotos ao fundo e o texto por cima.

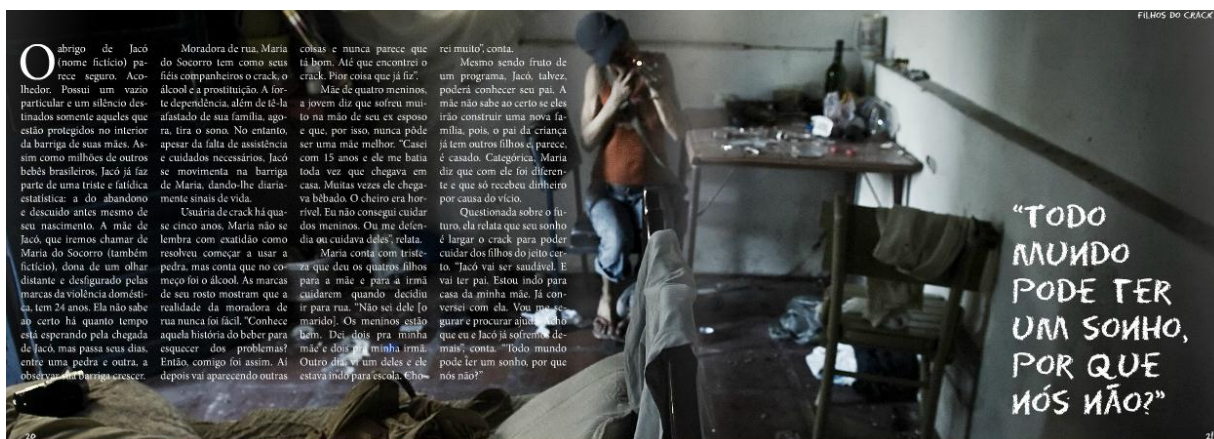
A reportagem ficou dividida por temas e também pelas histórias dos quatro personagens, como sub-matérias. Em cada abertura das submatérias, mantivemos o padrão de a primeira página ser composta pelo subtítulo (fonte Helvética-CondensedLight, tamanho 30), em um tamanho maior que os intertítulos (tamanho 27) e menor que o título (tamanho 60), por uma imagem e, logo abaixo, o primeiro parágrafo do texto, disposto em colunas.



Página que inicia as histórias relatadas pelos personagens.



**Formato gráfico da disposição das histórias relatadas na reportagem.**



**Formato gráfico da disposição das histórias relatadas na reportagem.**

O texto da reportagem não teria o mesmo peso, nem a mesma capacidade de tocar o público leitor, sem o projeto gráfico. Cada elemento do projeto gráfico foi pensado para ter valor semântico, pois

Diagramar é tomar posição. Todo Design gráfico, cada planejamento visual da página impressa, emite informação sobre o material diagramado e a identidade de quem distribuiu os elementos no espaço daquela maneira, não de outra. A disposição dos elementos nunca é aleatória. A significação ali contida poderia ser diferente se outro o fizesse. (PEREIRA JUNIOR, 2011, p.98).



## 6 CONSIDERAÇÕES

Nossa intenção, ao produzir uma grande reportagem sobre depressão, foi contribuir de alguma forma para que as pessoas atentem mais para essa questão e reflitam sobre ela. Como foi dito na reportagem, ninguém está livre de deprimir-se, afinal, difícil mesmo é manter-se feliz por muito tempo. E a depressão não é característica apenas de uma faixa etária, de determinada classe social ou de um grupo de risco. Sua abrangência é grande e afeta homens e mulheres, jovens e idosos, ricos e pobres.

A reflexão sobre a depressão não deve passar somente pela esfera interna e individual, mas também pela esfera externa ao indivíduo, social e relacional. E faz-se necessário e urgente refletir sobre isso. Foi o que pretendemos fazer, por meio do trabalho jornalístico cujo resultado, esperamos que contribua para a discussão desse problema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVAREZ, L. Um em cada quatro universitários usou drogas no último mês, diz estudo. O Estado de S. Paulo. São Paulo: 23 de junho de 2010, p. A5.

CASTRO, Gustavo de & GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*, São Paulo, Escrituras, 2002.

CHIAVERINI, T. Festa Infinita: o entorpecente mundo das raves. São Paulo: Ediouro, 2009.

FLOSI, Edson. *Por trás da notícia*. São Paulo, Summus Editorial, 2012.

FROMETI, L. Pesquisa revela que família não admite culpa por vício de filho. O Estado de S. Paulo. São Paulo: 25 de fevereiro de 2010, p. C4.

GURAN, Milton. *Linguagem fotográfica e informação*. Rio de Janeiro, Editora Rio Fundo, 1992.

LIMA, E. P. Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. São Paulo: Manole, 2008.

MÜHLHAUS, Carla. *Por trás da entrevista*. São Paulo. Editora Record, 2008. PEREIRA JR., Luiz C. *Guia para a edição jornalística*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ROCHA, L. C. As drogas. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.

ROUCHOU, Joelle. *Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo*. XXVI Intercom, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br>. Acesso em: maio de 2013.



SARDENBERG, W. O drible na morte. Revista Contigo. Edição 1801, p. 146-151.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. 5ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1986.